

A LINGUAGEM COMO MEDIADORA NO PROCESSO CONSTITUTIVO E DIALÓGICO DOS SUJEITOS NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Milena Cândido Borges ¹
Lívia Aparecida Pacheco ²
Raillany Vieira da Silva ³
Samilly da Silva Borges ⁴
Ludmila Santos Andrade ⁵

RESUMO

Por meio deste trabalho temos o objetivo de evidenciar a importância da linguagem no processo de ensino e aprendizagem na Educação Básica, uma vez que é por meio desta que indivíduo se conecta e interage com o mundo e com as pessoas, sendo assim um elemento fulcral para o desenvolvimento dos alunos. A linguagem será observada como uma prática social de acordo com a concepção de língua e linguagem de Bakhtin (2014), analisando-a a partir do conceito de dialogismo, visto que o processo dialógico faz parte do meio social, na medida em que os discursos são atravessados por outros. De modo que indicamos que no âmbito escolar, especificamente na Educação Básica, a linguagem é fundamental para a interação das crianças e professores, e é aonde o processo dialógico se dá no processo ensino e aprendizagem. Neste sentido pretende-se indicar que as práticas de ensino pautadas na oralidade e escrita se tornam indispensáveis e indissociáveis no ensino de Língua Portuguesa, na medida em que os alunos dialogam com os professores e outros alunos, por meio de textos orais ou escritos. A metodologia utilizada será de cunho bibliográfico qualitativo, fazendo um paralelo entre as visões de linguistas e pedagogos acerca do tema, sendo eles: Benveniste (2008), Koch (1993), Bakhtin (2014), dentre outros. Como resultado parcial foi possível identificar o atravessamento dos discursos teóricos nas práticas de ensino, apontando a linguagem como elemento de mediação na aprendizagem e no processo constitutivo dos sujeitos, ampliando a reflexão sobre as práticas pedagógicas no Ensino Básico.

Palavras-chave: Linguagem, Dialogismo, Práticas de Ensino, Processo constitutivo e dialógico, Educação.

¹ Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Piauí- UFPI, milenaaborges304@ufpi.edu.br;

² Graduanda pelo Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Piauí- UFPI, livia.pacheco@ufpi.edu.br;

³ Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Piauí - UFPI, raillanyvieira@ufpi.edu;

⁴ Graduanda do Curso de Letras-Português da Universidade Federal do Piauí - UFPI, samilly.borges@ufpi.edu.br;

⁵ Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Professora na Coordenação de Letras da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros – UFPI/CSHNB. ludmila.andrade@ufpi.edu.br.

INTRODUÇÃO

De acordo com Bakhtin (2014) todos os diferentes campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, por isso para ele “ser é o mesmo que comunicar-se dialogicamente”, desse modo a linguagem, seus usos, formas e meios podem ser considerados o fio condutor do processo de ensino e aprendizagem, por isso não há como pensar o desenvolvimento de práticas e metodologias com o objetivo de ensinar sem pensar epistemologicamente sobre as concepções de língua, linguagem e ensino.

A linguagem contribui para o processo formativo dos indivíduos, seja pela fala, escrita, gestos, símbolos, imagens dentre outras formas de comunicação. Diante disso, torna-se perceptível que a linguagem possui um papel fundamental dentro da sociedade, por isso está inserida em todos os processos educacionais, pode-se afirmar que o contexto da educação básica existe por meio da linguagem e na linguagem, pois é através dela que poderão ser desenvolvidas as práticas discursivas, a formulação de ideias, os questionamentos, leituras de mundo e da palavra, além de posicionamentos, tudo isso por meio da interação entre os indivíduos.

A linguagem se constitui como algo ainda mais importante na medida em que participa do processo constitutivo dos sujeitos, uma vez que cada ser humano se constitui na linguagem e pela linguagem sendo capazes de se tornar indivíduos críticos na sociedade exercendo assim sua cidadania.

Além disso, é preciso ressaltar que o processo dialógico desenvolvido a partir da utilização da linguagem pode auxiliar na compreensão de mundo e na sistematização dos conhecimentos, processo que inicialmente ocorre dentro do espaço escolar, por meio da interação entre professores e estudantes, quando o processo dialógico participa dos momentos de aprendizagem a sistematização dos conhecimentos pode se dar de forma mais ampla para os estudantes.

Levando em consideração esses pressupostos, consideramos a seguinte pesquisa significativa por trazer um estudo teórico sobre as concepções de língua e linguagem para observação da prática de ensino dentro da Educação Básica, uma vez que é através do ensino que as pessoas acessas aos seus primeiros conhecimentos sistematizados sobre algumas áreas, estando elas presentes nas matérias fornecidas por cada proposta curricular. Por isso, o trabalho tem como objetivo geral evidenciar a importância da linguagem no ensino e aprendizagem na Educação Básica, sob uma ótica específica que se dará em observar a linguagem como uma prática social, identificar a relevância da

linguagem para a constituição dos sujeitos, assim como discutir a complexidade das interações indicando a linguagem como interação e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem.

O trabalho apresenta um caráter exploratório de natureza básica, sendo pautada em uma pesquisa bibliográfica qualitativa, na qual foi dialogada e se fundamenta em outras diversas pesquisas. Ao apontar a linguagem como uma prática social partimos dos pressupostos teóricos de língua e linguagem de Bakhtin (2014), como ressaltado anteriormente, além disso para compreender o processo de formação do indivíduo através da interação pela linguagem a leitura sob a ótica de Benveniste (2008) foi basililar, para apontar a capacidade do ser humano de interagir através de uma língua e das suas diferentes formas as ideias de Koch (1993) foram de real importância para esse suporte teórico, e para entendermos o campo educacional como um ambiente de construção humana e, conseqüentemente, um caminho para ocorrer as mudanças sociais fundamentamos nossas discussões nas teorias de Freire (2014), e para compreender a escola como palco de aprendizagens, onde o uso da linguagem é uma fonte de conhecimento para situações simples e complexas dentro e fora do âmbito escolar dialogamos com o ponto de vista de Pereira (2017).

Através do atravessamento dos discursos teóricos, foi possível observar como resultados o percurso histórico a respeito das concepções de língua e linguagem, para, assim, haver o entendimento atual sobre as visões teóricas em relação à linguagem.

METODOLOGIA

Quanto as questões metodológicas, a pesquisa que se apresenta é de natureza básica, focando em gerar conhecimentos de forma reflexiva –sem aplicação prática– tendo como classificação um objetivo de pesquisa de cunho exploratório, pois envolve levantamentos bibliográficos, visto que a análise foi construída através do atravessamento dos discursos teóricos. Dessa forma, é válido destacar que, geralmente, as pesquisas acadêmicas são voltadas para essa natureza básica, que objetiva a exploração através de um procedimento bibliográfico, isso devido aos trabalhos serem pensados de forma a proporcionar hipóteses à cerca da questão problema, mantendo um diálogo com trabalhos já publicados.

Ademais, para ocorrer a discussão e ser desenvolvida a análise, o presente trabalho contou com o procedimento de cunho bibliográfico qualitativo, que visa as discussões de autores à cerca do assunto em questão. Tendo isso em vista, esta análise se aplica nesse campo pelo fato de a discussão ser pautada conforme afirma Fonseca (2002, p. 32), “a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites”. Nesse sentido, na pesquisa foi feito um paralelo entre as visões de linguistas e pedagogos acerca do tema, dentre eles: Bakhtin (2014), Benveniste (2008), Koch (1993), Freire (2014) e Pereira (2017).

REFERENCIAL TEÓRICO

A linguagem apresentou diferentes conceitos ao longo do tempo, pensar nisso é entender a sua evolução e, conseqüentemente, a sua importância dentro do contexto estudantil. Para isso, cabe evidenciar os estudos voltados para a conceituação de língua e linguagem, em que é abordado na obra de Bakhtin (2014) *Marxismo e filosofia da linguagem* que aborda as diferentes perspectivas teóricas sobre língua e linguagem para posteriormente defender sua própria concepção teórica.

Assim o referido autor, aponta que a priori a língua era vista como um produto que não poderia ocorrer mudanças, ou seja, a sua conceituação se pautava em um sistema estável. A linguagem, por sua vez, acompanhava esse pensamento por estar diretamente ligada à língua, logo ela era vista apenas como uma forma de expressar os pensamentos. Por conta dessa concepção, o âmbito escolar se tornava limitado, os professores apenas repassavam conceitos básicos, se limitando ao estudo da gramática da língua. Os alunos, por sua vez, só acessavam os conhecimentos pautados da norma padrão da língua materna, tanto na forma oral quanto na escrita.

Após esse pensamento sobre a imutabilidade da língua e linguagem ser amplamente questionado, a linguagem passou a ser vista como um instrumento de comunicação, uma vez que a língua passou a ser percebida como um sistema de signos, ideia apresentada por Saussure (2012). Nessa concepção, a língua passou a ser vista como um código, que, por sua vez, é concebido por um conjunto de signos, logo, as pessoas que possuíam um domínio desses signos, conseguiriam organizar as frases e, assim, estabelecer uma comunicação. No ensino, as escolas ainda tinham como base o estudo da

gramática da língua, pois sem ela, não seria possível haver uma comunicação entre os falantes.

Desse modo o código, ou seja, a língua era algo a ser dominado pelos falantes, para que houvesse a comunicação, assim o sujeito era compreendido como um indivíduo capaz de internalizar o conhecimento externo, por meio de exercícios repetitivos e respostas seguindo modelos. Tendo isso em vista o ensino da língua acontecia a partir da descrição com o intuito de mostrar como a linguagem funcionava e como determinada língua se estruturava de modo particular.

Esse modo de compreender a língua e a linguagem foi questionado e debatido a partir das discussões e estudos de Bakhtin (2014) que passou a buscar a compreensão da língua e linguagem de um modo filosófico, se contrapondo as demais teorias e defendendo a língua como um fenômeno vivo, dinâmico e como um processo de interação verbal e social em que os indivíduos compartilham seus conhecimentos e o meio social participa do modo como o enunciado é produzido.

Assim, após a língua ser vista como produto do pensamento, e como instrumento de comunicação por Saussure (2012), passou a ser analisada como uma atividade social, a partir das ideias de Bakhtin (2014), em que a natureza da língua foi vista como dialógica, ou seja, ela poderia ser dinâmica, o que se distanciava da primeira concepção de língua e linguagem.

Nesse sentido, os professores passaram a se preocupar não apenas com o ensino básico da gramática materna, mas também com a formação dos alunos como indivíduos críticos na sociedade, nos quais poderiam utilizar da língua como forma de interação social e em seus diferentes contextos de comunicação. Essas concepções de linguagem foram descritas inicialmente no Brasil, por Geraldi (1984), em sua coletânea *O texto na sala de aula* em que essas concepções teóricas foram fontes de sua análise e fundamenta os estudos deste trabalho.

Diante das perspectivas vistas sobre língua e linguagem, é importante que a escola acompanhe as perspectivas teóricas atuais, uma vez que o espaço escolar proporciona uma construção social e possibilita a interação através dos momentos de aprendizagem em suas diferentes formas e contextos. A linguagem, portanto, pode ser vista como uma prática social como apresentado por Bakhtin (2014), e discutido por Geraldi (1984).

Benveniste (2008) aponta que, através da linguagem o indivíduo passa a se construir como sujeito, o que possibilita uma construção mútua entre os falantes, concebida por meio das interações, sejam estas verbais ou não verbais. Com isso, será

possível ocorrer uma troca de saberes e, posteriormente, uma reprodução, havendo assim, a presença de uma prática social. Essa capacidade que os indivíduos possuem de interagir é vista por Koch (1993) em sua obra *A inter-relação pela linguagem*, em que é apontado:

É preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, portanto, de co-enunciação. Em outras palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social. (Koch, 1993, p. 128).

Nesse sentido, os indivíduos, ao se comunicarem, selecionam e organizam as palavras através das construções sintáticas, da gramática, de uma língua em comum. Por meio dessa seleção, há uma intenção de comunicação que é dado através do contexto no qual ocorreu o evento comunicativo. Logo, essa capacidade é “essencialmente um ato social pelo qual os membros de uma sociedade ‘inter-agem’” (Koch, 1993, p. 75).

Ainda nesse sentido, a linguagem se torna cada vez mais relevante para o processo constitutivo do sujeito. A educação, por sua vez, possui um papel essencial para essa formação, por isso Freire (2014) em sua obra *Educação e mudança* destaca:

Posto diante do mundo, o homem estabelece uma relação sujeito - objeto da qual nasce o conhecimento, que ele expressa por uma linguagem. Esta relação é feita também pelo analfabeto, o homem comum. A diferença entre a relação que ele trava neste campo e a nossa é que sua captação do dado objetivo se faz pela via preponderantemente sensível. A nossa, por via preponderantemente reflexiva. Deste modo surge da primeira captação uma compreensão preponderantemente "mágica" da realidade. Da segunda, uma compreensão preponderantemente crítica. (Freire, 2014, p. 38).

Portanto, essa perspectiva de aprendizagem pautada na interação precisaria ter a centralidade nas escolas de Educação Básica, a fim de formar indivíduos que interagem em sociedade de forma mais crítica em meio as causas que permeiam o mundo, o que ampliaria a visão desses alunos sobre os mais diversos assuntos ligados à cidadania. Diante disso, Paulo Freire desenvolve a sua concepção evidenciando o papel dos educadores:

O que teríamos que fazer, então, seria, como diz Paul Legrand, ajudar o homem a organizar reflexivamente o pensamento. Colocar, como diz Legrand, um novo termo entre o compreender e o atuar: o pensar. Fazê-la sentir que é capaz de superar a via dominante-mente reflexa. Se isto acontecesse, estaríamos levando-o a substituir a captação mágica por uma captação cada vez mais crítica e, assim, ajudando-o a assumir formas de ação também críticas, identificadas com o clima de transição. Respondendo às exigências de democratização fundamental,

inserindo-se no processo histórico, ele renunciará ao papel de simples objeto e exigirá ser o que é por vocação: sujeito. (Freire, 2014, p. 39).

Um ensino que dialogue teoricamente com as concepções de língua e linguagem de Bakhtin (2014) apresentará nas práticas de ensino um espaço para o eixo de ensino oralidade presente nos documentos oficiais como PCN e BNCC que versam sobre o ensino de língua portuguesa, por exemplo. O eixo de ensino oralidade pode ser trabalhado em diferentes abordagens e metodologias de ensino, um exemplo disso são as atividades que promovem seminários, debates, discussões em grupos, exposições, dentre outras. Atividades assim poderão ajudar no processo de organização da própria fala e na transmissão de ideias repassadas sobre um determinado conteúdo e apontamentos críticos a respeito do tema.

O eixo produção de texto também pode ser desenvolvido a partir de atividades que promovam a interação, isso pode ser feito a partir da utilização dos diferentes gêneros textuais, pois será possível ao aluno sistematizar as ideias a partir da utilização da língua de acordo com o contexto comunicativo. Assim os estudantes poderão escrever e interagir seus textos em sala ou mesmo dentro da comunidade escolar, desde que esses textos estejam em diálogo com os eventos comunicativos presentes na sociedade.

Tendo em vista as diferentes concepções de língua, linguagem é fundamental que os docentes compreendam a língua como fenômeno vivo, dinâmico e que participa da construção da identidade dos sujeitos, bem como da construção e prática social, porque desse modo será possível que o profissional defina de modo consciente suas metodologias e práticas de ensino pautadas na interação.

Os estudos linguísticos apontam para uma evolução nas ciências da linguagem, assim é necessário ao docente de língua portuguesa da educação básica conhecer essa evolução, definir uma perspectiva de língua e linguagem, pois ela balizará o ensino por meio dos eixos oralidade, leitura, produção de texto e análise linguística preparando assim os estudantes para as diferentes situações de comunicação a que estiverem inseridos na sociedade.

Além disso os professores precisam fazer do texto a centralidade do ensino para a leitura e a escuta sejam incentivadas, desse modo os estudantes poderão ter contato com os mais diversos textos, sejam eles literários ou não o que possibilitará uma leitura de mundo e da palavra mais reflexiva e crítica, pois a partir do contato com os textos, os alunos poderão fazer inferências a partir dos ditos e não ditos. Aprendendo a realizar

questionamentos sobre a língua em uso, e possibilitando que eles realizem análises linguísticas, com o objetivo de que os estudantes da educação básica compreendam os aspectos relacionados a língua, seu uso e funcionamento. Através dessas práticas que tem a na centralidade do texto a linguagem como caminho para uma reflexão crítica e atuação na sociedade de modo que sejam capazes de exercer a cidadania de modo amplo.

É válido também ressaltar o porquê de a Educação Básica ser um contexto ideal para ocorrer uma prática pedagógica que perceba a língua e a linguagem como prática social, Pereira (2017) em sua obra *Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura* defende que:

A escola é o palco das aprendizagens, pois é nela que o alunado procura a sistematização de seus conhecimentos para enfrentar situações mais complexas de uso da linguagem dentro e fora dos muros escolares. Por exemplo, a apresentação de um seminário, uma entrevista para uma colocação no mercado de trabalho, entre tantas outras situações que exigem o domínio e o conhecimento do uso da oralidade adequadamente nos diferentes contextos sociais. (Pereira, 2017, p. 67).

Em síntese, percebemos que os estudos das diferentes perspectivas de língua e linguagem são importantes para que os docentes possam ressignificar as práticas cotidianas no ensino de língua e gramática, pois acreditamos que a partir do conhecimento do processo histórico e das evoluções nos estudos sobre a linguagem, será possível construir metodologias cada dia mais coerentes com os contextos sociais atuais em que os estudantes da educação básica estão inseridos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante da pesquisa de natureza básica, foi possível reconhecer as diferentes concepções de língua e linguagem e compreender a perspectiva teórica que dialoga com o contexto social e cultural vigente na atualidade. As concepções de linguagem teorizadas inicialmente pelos gregos, por Saussure (2012), por Bakhtin (2014) e discutidas inicialmente aqui no Brasil por Geraldi (1984) é de suma importância para a construção do saber dos docentes, que podem dialogar com essas ideias em suas metodologias e práticas pedagógicas no cotidiano do chão da sala de aula, superando assim as barreiras entre a teoria e prática.

Fuza (2011) afirma que cada momento social e histórico demandou uma percepção de língua, de mundo, de sujeito, demonstrando o caráter dinâmico da

linguagem no meio social em que atuou ou atua e conseqüentemente essas percepções influenciaram diretamente no modo como o ensino de língua aconteceu e acontece.

Ao apresentar os diferentes conceitos de língua, linguagem, de acordo com cada uma das perspectivas teóricas que permearam os estudos linguísticos, o objetivo é que haja uma leitura dessas concepções em perspectiva para que entender que ao apontar a língua como fenômeno e prática social de interação foi possível repensar o ensino no Brasil, não somente de língua portuguesa, mas sim o ensino como um todo, percebendo a importância das práticas pedagógicas pautadas na interação e no diálogo, abrindo espaço para novas metodologias de ensino em que o aluno participasse efetivamente das discussões.

Durante os diálogos teóricos, também foi possível notar o atravessamento dos discursos, nos quais os autores teciam ideias que se complementavam durante toda a discussão. Através disso, foi possível inferir a necessidade do uso da linguagem no contexto escolar a partir de uma perspectiva bakhtiniana. Superando assim o ensino conteudista e tradicional em que o ensino pautado nos eixos oralidade, leitura, produção de texto e análise linguística ou semiótica não são incentivados e ou favorecidos nas práticas de ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a pesquisa foi voltada para o estudo da linguagem como prática social e como meio da construção e formação do sujeito, assim como foram apontadas as perspectivas teóricas de língua e linguagem e discutidos como a concepção de Bakhtin (2014) dialoga de modo contemporâneo e efetivo para a proposição de novas práticas pedagógicas e metodologias de ensino na Educação Básica.

Para haver essas conclusões, a pesquisa se pautou em Bakhtin (2014), Benveniste (2008), Koch (1993), Freire (2014) e Pereira (2017), nos quais foram fulcrais para construir uma reflexão acerca do tema. Bakhtin (2014) contribuiu para as concepções de língua e linguagem, Benveniste (2008) evidenciou o processo constitutivo dos sujeitos por meio da interação pela linguagem, Koch (1993) frisou a capacidade do ser humano de interagir por meio de uma língua, Freire (2014) mostrou a escola como um ambiente de desenvolvimento humano e um caminho para as mudanças sociais através de indivíduos críticos formados pela linguagem, Pereira (2017) aponta o âmbito escolar

como um local de aprendizagens em que a linguagem ajudará em futuras situações dos alunos em vários ambientes.

Apesar das discussões apresentadas aqui, ainda há uma necessidade de estudos voltados para as contribuições da linguagem tanto nos processos de constituição dos sujeitos quanto sua importância no ensino levando em consideração as perspectivas teóricas que pautarão as práticas pedagógicas em sala de aula. Além disso, cabe as escolas de educação básica investirem nas propostas de ensino sugeridas pelos professores, uma vez que, muitos deles não conseguem adotar diferentes práticas devido a precariedade no fornecimento de suporte e materiais. Portanto, com a finalidade dos sujeitos se constituírem, conseguirem se comunicar em diferentes contextos, por meio da linguagem e suas diferentes formas, seja oral, escrita, gestos, expressões artísticas, ou seja, qualquer forma de comunicação, há um caminho que precisa ser refletido pelo corpo educacional, além da promoção de mais estudos voltados para a área.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2014.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de Linguística Geral I**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2008. [1. ed.: 1958].

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 12ª edição. Paz e Terra, 2014.

FUZA, Ângela Francine, et al. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.14, n.2, p. 479-501, jul./dez. 2011

KOCH, Ingedore. **A inter-relação pela linguagem**. Ingedore Koch – 10.ed., 2ª impressão. São Paulo: Contexto, 1993.

PEREIRA, Odete. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A. 2017.

SAUSSURE, de Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.